

Biblioteca Provincial

O FUTURO

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO
PUBLICAÇÃO QUINZENAL



Anno 1.º --- 15 de Junho de 1878 --- Numero 2

REDACTORES:

João Hosannah d'Oliveira, Antonio Cicero Fernandes Bello,
Manoel Porphirio d'Oliveira Santos, Bento Emilio Machado Portella,

Cultiver son esprit, chercher á connaitre la
verité, c'est un devoir pour tous les hommes

Scribendi nullus finis.

SUMMARIO

I Artigo editorial.....	A Redacção.
II A autoridade.....	João Hosannah.
III Origem da sociedade.....	Bento Portella
IV Questão social (o trabalho).....	Oliveira Santos.
V A imprensa e a mulher.....	Joaquim H. Cavalcanti.
VI No dia da partida (poesia).....	S. M.
VII * * * (poesia).....	Thomé Moura.
VIII Imprensa.....	Redacção.

RECIFE:
TYPOGRAPHIA INDUSTRIAL.

O FUTURO

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO

Cultiver son esprit, chercher à connaître la
verité, c'est un devoir pour tous les hommes

Scribendi nullus finis.

.....

Estamos em tempos verdadeiramente anormaes, que bem poderiamos chamar --- de dolorosa transição.

Factos, que se tornam por natureza dignos de serios estudos, de profunda meditação dos homens que pensam, de todo o cuidado d'aquelles que vivamente se interessam pelo engrandecimento das letras, pela prosperidade da patria, despertam a cada momento nossa attenção.

A epocha moderna, manifestando-se admiravelmente contraria áquella concepção de Aristoteles, quando definiu o homem---um ser politico---, --- tem revelado, antes de tudo, tendências de remontar-se ás fontes primitivas de toda a verdade e de todas as instituições sociais.

Assim, os grandes principios de caridade, de igualdade e de liberdade, a par do nosso aperfeiçoamento intellectual, são, sem duvida, os mais importantes caracteres dessa epocha de renovação.

Pelo que, detenhamo-nos, por um pouco, na indagação dos meios que deve o homem empregar para attingir ao seu aperfeiçoamento, condi-

ção tão útil e necessaria á sua propria existencia, ja que não podemos occupar-nos de cada um d'aquelles caracteres.

Não ha duvida, que o homem tem necessidade de aperfeiçoar-se por meio da cultura de sua intelligencia --- essa força divina, que tende a conquistar o imperio do mundo por meio da sciencia, que é a fonte desse grande poder.

Deante de tão palpitante necessidade, vive elle de transição em transição, passando ás vezes da realidade da vida ao mundo das abstracções, do positivismo ou do materialismo á sua propria dualidade, da unidade da creação á variedade da mesma, dos sentimentos particulares áquelles que se universalisam.

Na improficuidade de qualquer d'estas theorias que estuda, nas quaes quasi sempre sente-se embevecido, recorre o mesmo até ao empirismo, a isso que chamamos processos experimentaes, especulativos, a fim de mais facilmente chegar ao conhecimento d'aquillo que sua razão não pode naturalmente abranger, e que por isso mesmo se torna difficil, ou antes parece fugir á sua comprehensão.

Em tão justas investigações, que quasi sempre trazem como resultado a sua gloria, prescruta o homem os mysterios da vida, embora sejam por sua natureza indecifráveis.

Assim é que tem elle podido, afinal, conhecer a verdade de muitos problemas, aliás de grande transcendencia e importancia na vida, quer individual, quer social de todos os povos, apar das mentiras que a rodeiam, das miserias que a deturpam!

Com o luzeiro de uma idéa divina---o Christianismo---, conhece elle que a civilisação não deve ser um ouropél, a vida um materialismo insensato.

Com o auxilio da philosophia --- esse mycroscopio do pensamento, no dizer de Hugo, e da historia --- o facho luminoso que allumia a noite do passado, o homem, como que esquecido dos limites dos tempos, dos lugares, de sua propria natureza, procura até desvendar os arcanos da Providencia, estudar a vida sob o ponto de vista de seu desenvolvimento, de todas as suas evoluções, de todas as suas phases, reflectindo ao mesmo tempo sobre cada uma de suas vicissitudes, chegando, por fim, a conhecer o que n'ella ha realmente de mais surpreendente e admiravel, de mais triste e desconsolador!

Do mundo, vai elle buscar a sua origem, auxiliado pelos preciosos thesouros que nos deixaram os espiritos superiores da antiguidade, que sempre aspiraram o melhoramento do homem.

Procurando ampliar o dominio da verdade, revelada por Deus em sua intelligencia, elle ainda saúda, a memoria dos pensadores progressistas --- os nossos antepassados ---, que na linguagem de um moderno escriptor, esforçavam-se por abrir as portas do futuro.

Vê em Socrates, o inventor do systema da Psychologia, em Platon---o Idealismo, d'onde surgio o systema espiritualista, em Aristoteles---

o apregoador da intelligencia humana, distincta do corpo, nos stoicos---os apóstolos de uma idéa firme e arraigada, ardente e generosa, embora não accita, ou admittida por todos. (1)

Pelo conhecimento que tem de seu Creador, sabe o homem ainda qual a causa primeira de todas as maravilhas que o cercam, grandezas que o attrahem, e o toínam, por assim dizer, semelhante ao atomo em frente á Natureza, e das mesmas cogita nos momentos de repouso, onde o interesse de seu estudo se desperta. Dahi, a necessidade da sciencia, que se torna tão indispensavel ao homem como o ar que respira; ella que, na linguagem de D'Aguesseau, conduz o mesmo a transpor os estreitos limites em que parece encerrado pela natureza; ella que, como seu guia, o conduz de paiz em paiz, de reino em reino, e fal-o conhecer as leis, os costumes, a religião e o governo de todos os povos; ella, finalmente, que tem tornado, por assim dizer, todas as nações tributarias de sua doutrina!

Em taes circumstancias, a sciencia converte-se como que em uma atmospherá que deve purificar o ambiente que o homem respira e satural-o de luz, desde que, infelizmente, elle acha-se sempre sob a influencia de exhalacões deleterias que o estragam, e sujeito a um embrutecimento que o degrada!

Com o caracter de cosmopolita, ella congraça todos os homens, confraternisa todos os povos, faz parte de todas as republicas, habita todos os imperios e tem o mundo inteiro como sua patria!

Tornando o homem depositario, porventura, dos despojos do Oriente e do Occidente, dos os imperios decahidos, e mais ainda da philosophia de suas doutrinas, fal-o reunir aquellas riquezas, (muitas vezes estranhas aos seus proprios thesouros), para d'ahi tirar os elementos indispensaveis ao conhecimento da vida de todas as nações, de suas instituições sociaes, de seu progresso material, intellectual e moral, e finalmente, dos caracteres geraes da epocha moderna, que hoje se nos apresenta como verdadeiro contraste, ou antes synthese admiravel dos tempos antigos!

(1) D. Antonio da Costa. O Christianismo e o Progresso.

DIREITO PUBLICO

A Autoridade

(Continuação)

Dissemos em nosso ultimo artigo, com um illustre escriptor, que a autoridade era um principio e se existem principios, innatos, como o

cremos, é sem contestação alguma, este um delles, pois revêla-se desde o primeiro albor da existencia. E como não ser assim, se, creado o homem necessariamente para viver em sociedade, é esta impossivel sem a autoridade? sem esse laço, que una os diversos membros e dirija todos os esforços para o alcance do fim proposto?

Mas o que é a autoridade? *E' o direito de dirigir os espiritos, as vontades, as operações para o bem commum*; isto é, para o fim proprio da sociedade, nos limites das exigencias deste fim, obrigando-os a empregar os meios convenientes para attingil-o. (1)

Consideramos a autoridade em abstracto, e como todos os direitos, é, sob este ponto de vista, um ser moral. Mas, considerada de uma maneira concreta, deve existir e como que incarnar-se em um ser real. Este ser real, em que reside, chama-se --- *superior, soberano*. No entanto, na linguagem commum, confunde-se a autoridade com o ser real em que ella reside e a todos denomina-se autoridade.

Varia é a forma em que a autoridade se apresenta. Vêde-a no lar domestico. Ahi tem ella o doce nome de paternidade. Não está rodeada de fausto, nem de vãs grandezas; não necessita para se fazer obedecer das espadas dos soldados.

E' pelo amor que tudo dirige, que á todos encaminha ao fim commum.

Cultivando um campo, dirigindo os trabalhos domesticos, presidindo os mais tocantes actos da familia, é sempre pelo amor, pela brandura que ella se faz obedecer. E' o pai imperando na familia, no patriarchado.

Quereis exemplos brilhantes desta primeira forma de autoridade? Abri esse livro grandioso de inspiração e poesia --- a Biblia.

Lêde nessas paginas sublimes em sua simplicidade, a formação das primeiras familias. Contemple a magestade de Abraham, desse vulto sympathico e augusto, magestade que brilha sempre com o mesmo esplendor, quer vá punir á frente de seus servos os reis que levavam prisioneiro seu irmão Loth, quer á porta de sua casa lave os pés aos tres estrangeiros que vão cumprir a ordem celeste contra a lasciva Pentapole.

Vêde-a agora á frente de um Estado poderoso, contando os seus subditos por milhares. Ahi está ella cercada de todas as grandezas. Não tem mais o suave nome de *paternidade*, mas trocou-o por outro talvez mais esplendido: chama-se a *realza*. Assentada sobre seu throno, está rodeada dos ministros de sua vontade. Ao menor signal, todos curvam a fronte obediente e respeitosa. Não é porém mais pelo amor, como devera ser, que se faz obedecer. Os subditos temem-n'a, porém as mais das vezes não a amão.

Para castigar aquelle que ousasse em sua loucura desobedece-la,

(1) Institutas de Direito Natural por M. B.

ha a espada da justiça, sempre levantada. Nas fronteiras prompta a transpô-las ou a defendê-las brilha desembainhada a espada do soldado. Em seu palacio, no seu proprio leito, está sempre rodeada de guardas que velam dia e noite, temendo os perigos que poderiam sobrevir.

A fonte, a origem de seu poder, porem, é sempre a mesma, quer na calma do lar domestico tenha ella o seu throno no coração de seus filhos, quer no meio das grandezas e magnificencias colloque-se á frente de poderosas nações.

Sendo a fonte primordial a mesma, diverso é, porem, o meio pelo qual se acha investida do poder.

No lar domestico, acha-se o pae de familia investido da autoridade, pela força mesma das cousas. Podemos dizer que sua autoridade é immediatamente recebida de Deus.

Na sociedade Civil, Deus é ainda a fonte primordial da autoridade, diverso, porem, é o meio pelo qual della foi investido o soberano.

Examinemos agora donde tira a autoridade a sua força, qual a origem de seu poder.

Deixando de parte a autoridade na familia, pois é evidente que o seu poder vem immediatamente de Deus, consideremos somente a autoridade na sociedade civil.

De certo, não pretendemos indagar dos diversos systemas que se tem apresentado sobre a origem do poder, nem refutal-os, pois para isso seria preciso alongarmos-nos demasiado. Procuraremos simplesmente estabelecer a doutrina que em nosso humilde entender julgamos verdadeira.

O homem foi creado para a sociedade, e só na sociedade é que elle pode desenvolver completamente as suas faculdades e aperfeiçoar-se.

Retirae o homem da sociedade e elle achar-se-ha immediatamente fóra de seu elemento; o seu progresso, se algum houver, será quasi nullo. Assim o homem naturalmente quer a sociedade e só pode viver na sociedade. Tudo o que é natural é ordenado pelo mesmo Deus.

Deus portanto quer a sociedade e creou o homem para viver nella.

Mas, como já temos dito, e é quasi evidente por si mesmo, é impossivel a existencia da sociedade sem a autoridade. Quem diz sociedade, por isso mesmo diz autoridade, pois desde que desaparecer esta, dissolver-se-ha tambem necessariamente aquella. Se Deus, pois, quer a sociedade, quer necessariamente tambem a autoridade. Isto é intuitivo, logico e de facillima comprehensão.

Assim a fonte primeira da autoridade, é Deus, e, insistimos, Deus querendo a sociedade, quer por isso mesmo a autoridade.

Mas se Deus é a fonte primeira da autoridade necessariamente ha uma fonte secundaria. Com effeito, Deus não designou á este ou áquelle individuo para exercer a autoridade. Confiou o poder ao povo, á sociedade em geral. Mas a multidão não pode de certo, por si mesma, exer-

cer o poder, como é evidente, pois se todos fossem governantes, não haveriam governados e reinaria a anarchia.

A nação, pois, não podendo por si mesma exercer a autoridade, delega-a á um, dous ou mais de seus membros, livremente escolhidos.

O poder conferido ao povo por Deus, é por sua vez dado pelo povo áquelles de seus membros por elle escolhidos. D'onde resulta, que o poder vem immediatamente do povo e mediatemente de Deus.

Conferindo o poder, pode o povo decretar os limites que julgar mais convenientes, não podendo porém mais retirá-lo, pois só lhe pertence, *in habitu*, senão em casos especialissimos, ou determinados na Constituição.

Tal é a theoria que nos parece mais rasoavel e verdadeira sobre a origem do poder. Evita ao mesmo tempo os perigos do absolutismo, á que pode conduzir a do poder vindo immediatamente de Deus, e os horrores da anarchia a que pode levar-nos qualquer outra que não for buscar a fonte primeira do poder em Deus. De todas as doutrinas até hoje inventadas a que nos parece mais fatal em suas consequencias, é a apresentada por J. J. Rosseau, o contracto social. Doutrina que não merece mesmo as honras de uma refutação, pois parece não contar mais sectario algum.

Recife, Junho 1878.

João Hosannah.

DIREITO PUBLICO

Origem da Sociedade

II

Dissemos ser a escola philosophica ou racionalista a que melhor explicava a origem da sociedade, em detrimento de outras, ainda que seguidas e sustentadas por escriptores bastantes abalisados.

Para bem fundamentarmos a nossa opinião, seja-nos permittido, ainda que ligeiramente, analysarmos não todas as escolas, mas aquella que até hoje tem tido mais adeptos e sido a mais contestada---*escola liberal*.

A philosophia materialista creou no ultimo seculo um systema de sociabilidade convencional, denominado *escola liberal* ou *materialista*, seguida e desenvolvida por J. J. de Rousseau em uma de suas obras---o contracto social.

Não nega esta escola, ser o homem um ente sociavel; apenas nos

diz ser o estado selvagem o seu estado natural. Diz ella ter o homem em sua origem uma igualdade absoluta e inalienavel em materia de direitos, e que vendo os inconvenientes resultantes d'este systema, resolverão viver em sociedade, para o que fizeram uma convenção, a qual tinha por fim, a restricção de seus primitivos direitos em troca da segurança e outras vantagens outorgadas pelo estado social.

Não podemos admittir esta opinião, pois julgamo-la sem procedencia e bem assim que o homem tivesse feito semelhante contracto, filho de paixões suscitadas na França e Inglaterra.

Hobbes e J. J. de Rousseau, em lugar de preferirem por base de suas doutrinas os elementos immutaveis da humanidade, preferirão os variaveis que nos fornece a historia.

Hobbes procura elevar em suas doutrinas o despotismo, J. J. de Rousseau a democracia; d'ahi a constante divergencia existente em suas theorias.

Ao passo que Hobbes colloca o homem obra prima da criação, a par dos outros animaes, negando-lhe o direito primigenio de liberdade, J. J. de Rousseau colloca-o no dominio da liberdade a mais desinfiada, proclamando a sua máxima---*Les directions sont libres, les actions libres, les buts libres.* » Porventura, não notaes ahi a mais completa contradicção?

A França, na maior anarchia, qual a que reinou em 1791, proclamou essa doutrina em sua constituição.

Hobbes e Rousseau desconheceraam as regras de direito natural, expiaram os seus erros na desconsideração em que cahiram as suas doutrinas aos olhos da posteridade.

Um philosopho moderno a este respeito nos diz: *Les sociétés des castors se forment en vertu des lois de la nature des castors; les sociétés d'hommes se forment en vertu des lois de la nature humaine; pour arriver à l'edec vraie de la formation de la société humaine, il faut donc partir d'une idée vraie de la nature humaine: toute lumière est là; hors de là il n'ya qu'hypotheses et contradictions.* Foucart em os seus elementos de direito publico, nos diz ser esta theoria, falsa em suas bases e perigosa em suas consequencias.

E' falsa em suas bases, porque suppõe os homens collocados em um estado de guerra, o que é inexacto, porque deste modo teriamos direito contra direito, e que é absurdo.

Isto é, duas grandes potencias collocadas em frente uma da outra, tendo a primeira por divisa o *direito da força*, a segunda, o da *razão do estado*.

Demais, nenhuma tradicção historica nos diz ter-se feito semelhante contracto. Foucart com toda a razão nos diz ser elle impossivel de formar-se e muito menos de ser executado; isto porque, tendo todos um direito inalienavel, o contracto, a ninguem obrigaría, cada contractante o poderia reformar sempre que o julgasse conveniente.

E' perigosa em suas consequencias, porque apezar do espirito de submissão á autoridade, que se manifesta desde o despontar da vida, direito com toda a razão considerado innato ao homem, o povo procuraria a sua desgraça, até mesmo a sua morte, por terriveis lutas com os seus superiores.

Isto porque, como já dissemos, tendo todos os homens um direito inalienavel, ninguem por certo accitaria tal ou tal medida de sujeição, e procuraria alcançar o poder a todo o transe.

Não queremos com isso negar ser o homem dotado do direito de liberdade, mas, apenas dissemos ter elle direitos innatos, a cujo cumprimento não pode subtrahir-se e, ahí a maxima *nom escripta lex, sed nata*. Block, em seu dicionario politico, diz não poder admittir a existencia de dous direitos: um o direito natural ou divino, outro, o direito positivo ou humano: o primeiro immutavel, o segundo variavel; desta distincção, resulta o problema do homem e da sociedade.

Jámais, este direito poderá ser considerado uma criação humana, antes uma imposição divina.

Com isso, quiz Deus dar-nos uma prova de sua bondade e sabedoria, assentando a sociedade no principio do justo e não na idéa do util.

Creio, pois, ter em vista destas razões, mostrado, qual a verdadeira origem da sociedade, preferindo a eschola racionalista ou philosophica, por ser a que melhor imprime os seus destinos em uma base que põe fora de duvida o justo exercicio de sua *liberdade* e independencia, condições estas indispensaveis a felicidade dos povos.

Recife, 2 de Junho de 1878.

Bento Portella.

QUESTÃO SOCIAL

O Trabalho

I

O homem, ser por natureza social, perfectivel e contingente, tem o rigoroso dever de promover os meios indispensaveis á satisfação de todas as necessidades resultantes de sua propria natureza.

Ser social --- não pode eximir-se á observancia da lei superior que o induz a viver com seus semelhantes; perfectivel --- não deve deixar de cultivar a sciencia e as artes no intuito de attingir ao maior gráo de desenvolvimento de que são capazes as suas faculdades --- contingente --- tem que ceder a força de certas circunstancias que o inibem

de chegar ao cumulo de uma perfeição, que, por isso mesmo, se torna ideal.

Como poderos alavanca desse fim admiravelmente grandioso, encontra elle o trabalho, --- que é o unico meio até hoje conhecido como capaz de conduzi-lo a todo o melhoramento possível, de amparal-o nas vicissitudes da vida, de serem convenientemente providas as suas necessidades.

Consequencia fatal e necessaria do erro commettido por nossos primeiros paes, que nol-o deixaram como legado ou herança, o trabalho se tem succedido em todas as gerações, sobrevivido a todos os tempos, tornado-se, em fim, condição *sine qua* de nossa existencia e perfectibilidade.

D'ahi a razão porque devia ser a humanidade sujeita a uma vida laboriosa, que desse como resultado a produção de bens materiaes, intellectuaes e moraes, e o homem, individualmente considerado, devesse pertencer, como obreiro do progresso, a uma ordem de trabalho ou de cultura.

O trabalho, que nos tempos modernos, tende a assumir o seu verdadeiro character e importancia, elle que se reduz---a « toda a actividade do homem exercida para a produção do bem » vem com o seu fim ethico mostrar, que se distingue de todos os esforços que tendem para a destruição e para o mal.

Vem mostrar, que a lei moral reprova o estado social em que haja classes de homens que não conhecem outro fim, que não seja gozar dos bens que outros tentam produzido (1); o que traria, de certo, a impossibilidade da existencia do corpo social, o aniquilamento do estímulo, a destruição da iniciativa, a não satisfação de nossos fins, e, consequentemente, um enervamento completo para toda a sociedade.

Vê-se, pois, que o seu aperfeiçoamento acha-se, sem duvida, dependente dos esforços de cada individuo, comprehendidos nos justos limites de suas attribuições e capacidade, e até mesmo de suas forças; por que, como bem observa Laménais, os homens têm necessidade de não ser como a planta e como a arvore, que vivem sós, e sim de se unirem uns aos outros, apoiarem-se e ajudarem-se mutuamente.

Além disso, a sociedade representando uma entidade collectiva, uma pessoa organica e moral, não é mais do que um conjuncto de homens, que podem ser considerados como órgãos da mesma, todos convenientemente ligados e necessarios á sua existencia.

Prova irrefragavel desta verdade é, por certo, o desenvolvimento, o progresso que se tem ultimamente operado nos paizes mais adiantados, os quaes têm tido como origem o concurso de todos os membros da respectiva sociedade para semelhante fim, em cujo proveito cada um

(1) Ahrens, Cours de D. N.

concorre com o seu contingente de materiaes e de luzes para a obra immorredoura da civilisação.

E' ainda os tempos antigos de sangrenta destruição de muitos estados e imperios, que não foram avante em quanto desconheceram, quasi que se pode dizer, os elementos de verdadeiro progresso, e entenderam dever avaliar o grão de seu desenvolvimento pelo numero de suas conquistas, ou de suas victorias!

Este erro tão pernicioso e vantajosamente arraigado na indole de todos os povos, tem cabalmente demonstrado as constantes evoluções sociaes, havidas em todos os tempos, nas quaes se tem patenteado a insufficiencia do predomínio despotico de certas classes privilegiadas, os horrores da guerra, para, por sua propria natureza, engrandecer-se e fazer-se recommendavel o trabalho --- esse laço prodigioso de confraternidade, de congraçamento entre os homens, esse meio surpreendente e admiravel que attesta sua semelhança com Deus!

De tão auspiciosa e sublime união, originou-se, sem duvida, a importancia d'esse poderoso elemento de vida, que traz sempre como resultado o progresso social, a felicidade dos povos. E se não, vejamos. Se como a arvore (caso que figura Lamenaís) vivesse o homem só e isolado, se nos variados modos de seu desenvolvimento elle não dependesse do trabalho dos outros, se com os seus limitados esforços não procurasse tambem concorrer para a satisfação das necessidades de seus semelhantes e consecução de seus fins, teriamos a ociosidade imperando entre os mesmos com toda sua tibieza, e o homem vivendo em estado de completa ruina, exposto ao embrutecimento e a miseria.

Como a arvore abatida pelo vento, despida de sua folhagem, seus ramos postos por terra, elle seria victima de tantas privações, quantas fossem as necessidades que experimentasse e não podesse por si só satisfazer-as.

Vivesse o mesmo ainda como a planta, não tendo abrigo contra as intemperies do tempo, completamente independente dos mais, por assim dizer, segregado, em estado de verdadeira inercia ou indolencia, e elle morreria em breve, do mesmo modo que a planta enlanguece, definha e morre, crestada pelos ardores do sol, exanime pela esterilidade da terra, sem poder promover os meios indispensaveis á sua conservação.

D'aqui é facil de ver que a vida social acha-se no todo dependente do trabalho; do aperfeiçoamento do individuo; que elle não poderá attin-gir aos seus fins sem o valioso concurso de seus semelhantes, ainda que para isso se esforce; e que cada homem, individualmente considerado, não pôde legitimamente eximir-se á grande lei do trabalho, desde que a mesma lhe é inherente.

Esta verdade nos tem revelado a historia de todas as epochas, que nos refere tambem o aviltamento a que chegou o trabalho aos tempos da antiguidade.

N'esses tempos, muitas vezes foi elle convertido em motivo de de-

gradação e abatimento para aquelles que tinham necessidade de abraçalo como meio de garantir a sua subsistencia. Mas, como se por ventura o estolido orgulho dos favorecidos da fortuna, ou antes a sua ferocidade tremesse deante dos inexcediveis esforços d'aquelles Antêos, como se ella experimentasse um certo pavor ao encarar a sua resignação e constancia e se reconhecesse incapaz de sobrelevar-lhes a força da natureza sublimada pelo trabalho, longe de serem elles aviltados para sempre pelos preconceitos dos grandes, ao contrario, fizeram-se engrandecer e nobilitar após longa serie de annos de violenta oppressão!

Cada uma das bagas do suor derramado pelo humilde operario no intuito de preencher o seu fim, era prova evidente do augusto sacrificio que fazia em observancia de uma lei inevitavel!

Cada um dos seus repetidos esforços --- um titulo honroso com que elles, os filhos da pobreza, apresentavam-se aos ricos, exigindo o premio de seu trabalho, a recompensa de sua dedicação, que tinham por fim o respeito devido á sua honra, aos seus irrecusaveis direitos, a garantia de seu bem-estar!

Os calculos dos potentados, a ambição, o egoismo e o desprezo das classes privilegiadas tristmente votados á classe proletaria, que infelizmente achava-se condemnada como que a uma especie de ignominia, nunca poderam remover-a da idéa que nutria de esforçar-se por um bem, nem extinguir *in toto* a força de sua actividade; e assim, reverteram mais tarde, contra a expectativa dos mesmos, em beneficio dos necessitados e opprimidos, tornando d'esse modo maior o esplendor de sua gloria, o brilho de seu triumpho!

Assim era, que a Grecia votava todo desprezo a ordem de trabalhadores, tornando-a, por assim dizer, escrava de vis conveniencias. Entretanto, foi justamente alli que mais tarde a sciencia e as artes não chegaram somente a desenvolver-se e aperfeiçoar-se, mas a attingir á maior sublimidade! e isto quando as vis conveniencias foram proscriptas pelos servos da gleba com o unico poder de um acontecimento pasmoso, quando esta assumio a sua verdadeira posição, conquistando os seus fóros, banindo todos os preconceitos, despedaçando, finalmente, de chofre os elos de uma cadeia arbitraria, que a prendia, ou antes a sujeitava á uma ordem de poderosos!

Roma --- a eterna cidade, aquella que na brilhante expressão de Castellar, é o marco milliaro onde se acham escriptos os annacs do genero humano, e que mais tarde tinha de dar-nos a liberdade com seus proconsules, a religião com seus pontifices, (1) ella, prostituida e aristocratizada pela ambição e egoismo, foi tambem onde mais se desconheceu o prestigio, a importancia da actividade do homem, e nos tempos classicos de seus horrores, mais soffreu a classe operaria, que bem poderíamos chamar --- a precursora de um bem, a filha do trabalho!

(1) A arte, a religião e a natureza na Italia.

Na India era o trabalho considerado como indigno do homem livre.

Aquelle que á elle se entregasse, passaria pelo dissabor de ser condemnado ao desprezo e á indifferença de uma grande parte de seus concidadãos, que mal sabiam que cada attributo do homem é---symbolo de civilisação, cada tendencia---modelo de progresso!

A maior honra conferida á ordem de trabalhadores do commercio e da industria, era a de ser a mesma considerada como proveniente de uma parte do corpo de Brahma.

Esta *notavel* distincção, entretanto, fêl-os mais tarde conhecerem a força sobrenatural de uma mão prodigiosa e irresistivel, que devera apparecer para derrocar de uma vez as mais absurdas theogonias, as mais injustas instituições sociaes, fazendo ao mesmo tempo conhecer que o homem não foi creado para arrastar cadeias, ser opprimido e aviltado, mas, para abrir as azas. (1)

Mesmo porque, nada de homem reptil; é necessaria a transfiguração da larva em lepidoptero, e bem assim que o verme transforme-se em flôr animada e vôe! (2)

Recife, Junho de 1878.

Manoel Porphirio de Oliveira Santos.

(1) V. Hugo---Noventa e tres.

(2) Idem.

LITTERATURA

A Imprensa e a Mulher

II

Dissemos em o nosso artigo passado, que pela imprensa, esta arena onde se debatem e apuram os mais bellos principios, não se deveria deixar de discutir e propugnar pela educação da mulher --- este principio sublime, cuja realisação vem abrir larga estrada ao progresso e civilisação dos povos.

Provemol-o.

E' um facto real, incontestavel, e a historia positivamente o comprova, a influencia que a mulher exerce sobre a humanidade, influencia tão sensivel que bem se pode conhecer os costumes de um seculo estudando-se simplesmente a mulher.

Ora se o progresso moral e intellectual dos povos esta na razão directa do desenvolvimento tambem moral e intellectual da mulher, é logico que á este ente que influe tão poderosamente sobre as evoluções

por que passam as sociedades em suas marchas sempre progressivas, se deve conceder uma educação solida e uma instrução liberal e ampla, porque só assim benefico e civilizador poderá ser o influxo, que incontestavelmente ella tem sobre os povos.

Mas, diz o profundo Smiles, se por um lado é certo que o caracter de uma nação ha de ser elevado por meio da illustração e pureza da mulher, por outro é mais que duvidoso que seja de vantagem para esta entrar em competencia com o homem nos arduos trabalhos politicos.

E' uma verdade incontestavel o que diz o notavel escriptor porque reino o reino da mulher o lar domestico, desde que ella se envolvesse em luctas alheias aos interesses d'elle, a familia soffreria necessariamente os effeitos de sua ausencia.

Nos tempos actuaes em que a mulher é ainda o transumpto fiel das romanas dos antigos tempos, condemnada a uma dependencia nefasta e completamente desherdada de certos direitos, que facultam protecção ao desempenho pleno de seu mais nobre gravame e que a tornam livre do despotismo de um marido inconsequente e brutal; em que se conserva mergulhada na sombra da ignorancia, mantida por uma sociedade grivada de preconceitos estolidos, a familia, fóco de luz e centro de todas as beneficas evoluções sociaes, não póde ser a fonte onde a creança receba o santo baptismo que lhe facilita a marcha pelos invios trilhos conducentes aos fins, que ella tem a preencher e impostos por sua natureza de ente racional e livre.

Para que a familia seja a eschola em que a creança entre com alma candida e pura e saia com ella fecundada pelos germens de uma instrução baseada nos santos principios que o christianismo ensina, é de imprescindivel necessidade que o estado, como protector de todo desenvolvimento e progresso das nações, invide todos os esforços, abra escholas aos milhares, faça sacrificios para que a instrucção se derrame, como a luz do sol sobre o universo, porque esta questão não só é de grande e sensivel utilidade moral como social e economica.

No Brasil e em outros paizes, onde os governos descaram das mais razoaveis aspirações do povo, em que o ensino é livre, mal organizado e pouco edificante, é tão diminuto o numero de escholas de meninas, que enche-nos a alma de profundo pezar; quando devia succeder o contrario, porque (assim pensa um sabio escriptor) é mais facil que a mãe distribua com os filhos os seus thesouros de bondade e illustração, do que o pae que vive distrahido pelos trabalhos de sua profissão.

Ninguem ignora o quanto é pernicioso a influencia de uma mulher má no seio do lar domestico. A irrelição, a immoralidade e a falta de ordem nesses mil *nadas* que constituem a sciencia de uma boa *mãe de familia*, são os symptomas positivos de sua presença malefica.

Admittidas as theorias de *Stuart Mill*, constituida facto positivo a igualdade absoluta do homem e da mulher, conforme as suas doutrinas,

os benefícios d'ahi resultantes para a sociedade seriam totalmente negativos.

No conhecido estado de atrazo á que ainda infelizmente se acha votada a humanidade, facultado a mulher de, esquecendo a sua missão especial no lar, atirar-se de olhos cerrados nessas luctas em que o homem se empenha, luctas em que se offuscam, ás vezes, a sua honra, os seus principios e a propria vida ao facho da ambição, dos odios e das vinganças; concedido este supposto direito, ella, por isso que se distrae de sua missão civilisadora não teria mais ascendencia benefica sobre as sociedades e consequentemente a humanidade em vez de marchar, regressaria.

Mas felizmente essas idéas não callam nos espiritos serios e reflectidos e a emancipação da mulher é encarada por um prisma rasoavel de accordo com os costumes e necessidades do tempo.

(Continúa.)

Joaquim H. de Siqueira Cavalcanti.

NO DIA DA PARTIDA

Vou-me embora, Iayá! Na minha terra
Eu deixei minha mãe a suspirar!
A' porta da cozinha, ao pé da serra,
Ella agora vai á tarde me esperar.

Vai! que era assim que ella fazia
Quando ás vezes meu mano s'ausentava.
Si estando descuidada o cão latia,
E a vinda de alguém annunciava;

Si longinguo tropel, além na estrada,
Vagamente fazia-se escutar,
Ella vinha correndo alvoroçada
Ver quem era que buscava nosso lar.

Si era elle, que momentos de ventura!
Tudo em casa agitava novo ardor:
Minha mãe o abraçava com ternura...
Iayá, quem tem mãe tem sempre amor!

E de mais, quando assim se vive fóra
Da familia, do lar, de quem se ama,
A saudade nos persegue a toda hora:
Parece que uma voz p'ra lá nos chama.

Parto, pois! Vou ver a minha gente,
E os logares onde outr'ora vagueei
Brincando, saltando alegremente.
Mas, socega, que breve voltarei!

Meu Deus! Iayá não'stá chorando?
E' assim! Fica triste e, como agora,
Dos olhos vem-lhe o pranto rebentando,
Sempre que lhe fallo em ir-me embora!

Em teu rosto moreno e feiticeiro
Não assentam as lagrimas, os ais.
Inda passo contigo o dia inteiro:
Cala a bocca, Iayá, não chores mais!..

Novembro de 1877.

S. M.

* * *

Modellada no marmor'côr de rosa,
Nella brilha a belleza voluptuosa
Da virge' oriental!
Brinca em seus labios de romã vermelha,
De alvas perolas humida corbelha,
Um riso transparente, de crystal.

Emmoldura-lhe o collo torneado,
Mais que um beijo de amor, avelludado,
Dous favos do Hymetto;
Lambem-lhe as formas das espaduas nuas,
Em densas espiraes as tranças suas,
Aquellas tranças de cabello preto.

Resplende em seu olhar de aureas centelhas,
Como um dourado tur'billão de abelhas,
Um mundo de desejos.
Lhe ondeiam leve os divinaes contornos,
Ao lento afago de seus seios mornos,
E seus labios, baixinho, pedem beijos.

As vezes, dentro a languida pupilla
Um abysmo de luz presto scintilla
Que deslumbra e cega...

Nada lhe falta a formosura rara.
A natureza ás formas lhe ajuntara
O porte airoso de uma estatua grega.

Deus a creára suspirando amores.
Nascera em meio o desbrochar das flores,
Aos beijos da manhã.
A noite deu-lhe a côr aos olhos bellos.
E de manso alisando os seus cabellos,
Disse a lua sorrindo ---eis tua irmã.

Recife, 1878.

Th. de Moura.

IMPrensa

Durante a quinzena que findou fomos obsequiados com as seguintes publicações:

Galeria dos Pernambucanos Illustres --- Folheto de sessenta e quatro paginas publicado pelo Sr. Henrique Capitolino Pereira de Mello, estudante do quarto anno da Faculdade de direito desta cidade.

N'essas luminosas paginas dá-nos o talentoso escriptor a biographia do fallecido poeta Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira, uma das glorias da nossa litteratura. Agradecemos.

Argentinas --- Collecção de poesias do Sr. Thomé Moura, estudante do quinto anno da mesma Faculdade.

As poesias do Sr. Thomé já são assás conhecidas do publico, por isso dispensamos qualquer juizo que podessemos fazer. Agradecemos.

O Seculo --- Novo athleta das idéas que acaba de tomar honroso lugar no banquete da imprensa.

A publicação é mensal, e consta de trinta e duas paginas magnificas, onde, a par da claresa na exposição dos principios, se encontra a logica em sua discussão.

E' o *Seculo* um verdadeiro representante das ideas do seculo.

Parabens aos seus redactores. Agradecemos a offerta que nos fizeram do seu primeiro numero.

Lá irá visital-os o nosso humilde *Futuro*.

Ensaio Juridico e Litterario. --- Recebemos o 3.º numero desta publicação. Agradecemos e retribuiremos.

ASSIGNATURA

Capital.....	1\$000 por mez.
Para fóra da Capital e Provincias....	3\$500 por trimestre.

REDACÇÃO

Rua dos Pires n. 30, para onde pode ser dirigida toda a correspondencia.